

Críticas ao intervencionismo do Estado

Por Roberto Baraldi
de São Paulo

O Estado intervencionista foi apontado como o maior obstáculo aos empreendedores brasileiros, durante o painel do "meeting" do World Economic Forum que avaliou o impacto da política econômica sobre os negócios.

Hugo Marques da Rosa, presidente da Método Engenharia, afirmou que o Estado várias vezes emite sinais errados para a iniciativa privada, que investe e se prepara para dar suporte a programas que acabam por não ser efetivados. Ele citou como exemplos válidos para seu setor a ênfase do Estado nos programas de saneamento e de construção de habitações populares ao longo dos anos 80. Sua empresa incorporou tecnologia para obras de saneamento, que o poder público não levou avante por falta de recursos. Da mesma forma, a empresa desenvolveu métodos e equipamentos para a construção de habitações populares durante o governo Figueiredo, devido ao plano oficial de levantar 1 milhão de casas por ano. Na prática, os objetivos do programa foram revistos e reduzidos para modestas 50 mil habitações por ano. "As empresas perderam dinheiro porque se equiparam para dar suporte aos

planos do governo. Por isso, é melhor que o Estado não sinalize com tendências e investimentos, pois há o risco de sinalizar errado", enfatizou o empresário.

Suas críticas, entretanto, não se voltaram apenas para o Estado. Para ele, a iniciativa privada brasileira tem, em vários setores, pouca iniciativa e é pouco privada.

Hugo Marques da Rosa também apontou como grave obstáculo ao desenvolvimento o descaso de décadas com a área social, particularmente com saúde e educação. "Fala-se em sucateamento do parque industrial, mas mais grave do que isto é o sucateamento dos recursos humanos brasileiros. A recuperação vai demorar algumas gerações", destacou.

Roberto Civita, presidente do grupo Abril, preferiu o caminho da ironia. Ele disse que bastam três medidas para que o Brasil volte a atrair com intensidade capitais estrangeiros: estabilidade política, econômica e das regras do jogo. "O mercado brasileiro é gigantesco, o que torna o País irresistível para quem quer fazer negócios. Mas o capital é covarde e foge de onde não há tranquilidade", disse Civita.

Ele avaliou que, até o momento, o Plano Brasil

Novo não contribuiu para atrair investimentos para o País. "Trata-se de um plano de estabilização. É só estabilizar que o dinheiro vem", acrescentou. Para ele, está em questão o papel do Estado, isto é, sua importância na economia, tamanho e áreas de atuação. "E este é um debate que sequer começou",

frisou Civita. O presidente da Ordem dos Economistas do Estado de São Paulo e diretor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, Roberto Macedo, que foi o mediador de debate sobre política monetária, destacou que o controle monetário é, neste momento, extrema-

mente complicado. Este é um dos pontos principais para o sucesso do plano de ajuste da economia.

"O governo mexeu no compulsório e 'open', mas estes são instrumentos de controle. Não quer dizer que a economia vai reagir como o previsto. O governo vai precisar de sorte e habilidade", afirmou Mace-

do. Para ele, o plano entrou em sua terceira etapa, agora de contenção da liquidez, depois da fase de abertura das "torneiras". A política de "stop and go" também será a chave para o controle do déficit público, cuja situação pode ser agravada na hipótese de uma recessão que significaria perda de receita.